

UM EFEITO CIBER NA ANTROPOLOGIA

Jean Segata¹⁰

Há duas décadas, a publicação de *Welcome to Cyberia*, de Arturo Escobar anunciava um desafio para a antropologia - o estudo da cibercultura. Para o autor, ela articulava o campo da *tecnossocialidade*, compreendido como um processo de construção sociocultural associado às tecnologias da computação e da informação, e o campo da *biossocialidade*, entendido como um desdobramento da biopolítica, que ganhava novos contornos como uma nova ordem de produção da vida, da natureza e do corpo através de intervenções tecnológicas fundamentadas na biologia (Escobar, 1994). Assim, os tópicos de uma antropologia disposta a compreender as importantes transformações da vida social na virada do milênio deveria incluir o investimento etnográfico nos processos que articulavam campos. O GrupCiber - *Grupo de Pesquisas em Ciberantropologia*, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, abraçou esse desafio firmando-se como um dos primeiros esforços no Brasil em se inscrever nessa agenda de estudos, ainda em 1996. É a partir de minha inserção nele grupo que eu tratarei daquilo que chamo aqui de *efeito ciber na antropologia*, que é uma tentativa de situar uma parte muito específica de alguns desafios e desdobramentos do campo da cibercultura desde a publicação do texto seminal de Escobar, no contexto mais particular da antropologia brasileira¹¹.

Na época em que foi publicado *Welcome to Cyberia*, as ciências sociais no Brasil viviam o calor das discussões sobre uma transição dos estudos da comunicação de massa, seus meios e efeitos na esfera pública, bastante valorizados a partir dos trabalhos de MacLuhan (1969) e Habermas (2003), para as novas discussões sobre uma “sociedade em rede” que materializava-se pelo emprego de computadores conectados à internet (Negroponte, 1995; Castells, 1996). Esse era o mote para se anunciar uma espécie de novo paradigma ou “nova era” - uma era digital ou da informação, cujo centro era a *Comunicação Mediada por Computador*¹². Nessa mesma época,

¹⁰ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social — UFRN jeansegata@gmail.com

¹¹ Esse trabalho foi apresentado originalmente no “Simpósio 65 - Antropología y cibercultura: políticas etnográficas en redes sociotécnicas”, organizado por Theophilos Rifiotis e Arturo Escobar, no IV Congreso Latinoamericano de Antropología, que aconteceu na Cidade do México, entre 07 e 10 de outubro de 2015. Agradeço aos organizadores e aos participantes desse simpósio pelos valiosos comentários e críticas, agora incorporados a essa versão final do texto.

¹² Em trabalhos resultantes de nossas pesquisas no GrupCiber sistematizamos algumas das consequências desse movimento, que incluía o pós-humano e a Inteligência Artificial, especialmente a partir de Turkle (1989) e Haraway (2000) e, sobretudo, uma polarização que marcou profundamente o debate nas ciências sociais, na filosofia e na comunicação ao longos dos anos de 1990: os *apologéticos*, com sua perspectiva positiva sobre a nova era que se abria



no Brasil, as discussões sobre o uso de tecnologias para modificação e controle da natureza deram início à formação do campo da *biossocialidade*, tendo como referência Michel Foucault e Paul Rabinow, como também, a relação com a *Teoria Ator Rede* e os *Science Studies* motivou a criação do campo da *Antropologia da Ciência e da Técnica*. Mas, diferentemente do caminho articulado por Escobar em sua agenda de estudos da cibercultura, no Brasil, esses campos se constituíram e se consolidaram de forma um pouco independente. Mais que isso, na *Cyberia* à moda brasileira, a relação entre *tecnossocialidade* e *biossocialidade* foi deslocada para uma relação entre a tecnossocialidade e o campo da comunicação.

O campo da comunicação era marcado por posições iminentemente polarizadas entre aqueles que, para usar uma fórmula de Umberto Eco, eram tratados como apocalípticos ou integrados. Os apocalípticos eram aqueles que viam nas novas tecnologias digitais o simulacro, o esvaziamento das relações sociais ou a hiperindividualização, como era o caso das análises de Paul Virilio ou Jean Baudrillard. Já a posição dos integrados ou apologéticos, era a de que esse cenário das novas tecnologias digitais traria a democratização, a soma, a desterritorialização e o diálogo entre culturas, novamente, tendo como referência emblemática o filósofo Pierre Lévy. A questão é que a comunicação estava pensando esses efeitos em abstrato e a participação da antropologia nesse debate era firmada nos aspectos vivenciais desse momento, por meio da etnografia. Ao invés de qualificarmos as novas tecnologias digitais como boas ou ruins, destrutivas ou agregativas, buscávamos as pessoas e as suas práticas cotidianas. Mas, para isso se tornar viável, optamos por um recorte muito particular nesse campo, que tornou a *cibercultura*, para nós, *conscientemente*, um projeto especializado que ficou centrado na internet e nos seus dispositivos que nos serviu como *locus privilegiado* para o desenvolvimento e consolidação de uma especialidade conhecida no Brasil como *antropologia do ciberespaço* (Rifiotis, 2010).

Se reduzir o amplo debate da cibercultura a uma “antropologia do ciberespaço” foi a nossa estratégia de entrada nesse campo, tivemos com isso, que responder não só às demandas

com a internet e que tinha como o principal porta-voz o filósofo Pierre Lévy e sua *inteligência coletiva* (2003) e a visão negativa e catastrofista de *apocalípticos*, como Paul Virilio (1999) ou Jean Baudrillard (2003) e suas ideias de simulacro e hipermassificação como consequência da internet (ver Rifiotis 2010b, 2012, 2014 e Segata *et al* 2011) Ver também Lemos (2002), que oferece uma importante sistematização do *movimento cibercultura*, desde os anos de 1980. A participação da antropologia nesse debate era bastante esparsa até os anos de 1990 e de um modo geral inexistente no Brasil até aquele momento. A formação do GrupCiber, em meados daquela década, trouxe assim um duplo pioneirismo: a inserção da antropologia nessa discussão, sobretudo no seu investimento etnográfico nesse campo interdisciplinar e, por conseguinte, a sua introdução na antropologia brasileira (Máximo, 2010; Rifiotis, 2010a). Trata-se, portanto, de uma trajetória que vai das metrópoles às redes sociotécnicas e da etnografia aos questionamentos da “netnografia” (Máximo, 2010, 2012; Amaral *et al*, 2008). Sobre Netnografia ver Hine (2000; 2005) e Kozinets (2010). Uma sistematização crítica sobre o tema, pode ser encontrado em Rifiotis *et al* (2012).



da comunicação, mas às novas questões que eram postas internamente na disciplina. Um grupo de pesquisa disposto a fazer etnografia em plataformas de jogos on-line, blogs, *relay chats*, orkut, twitter ou sobre políticas públicas para democratização do digital, criogenia ou medicalização de animais de estimação, precisava estar disposto a um duplo desafio - o desenvolvimento de estratégias de pesquisa para contextos inéditos na disciplina e, ao mesmo tempo, o da disposição em responder às desconfianças de nossos próprios pares. Isso porque, no início de nossos trabalhos, a própria disciplina nos demandava convencimentos de que era possível a pesquisa antropológica no ciberespaço ou no campo mais amplo da cibercultura¹³. Entre muitos do questionamentos, o ponto crítico naquele momento, era o de convencer nossos pares de que “havia gente” no ciberespaço; que não se tratavam apenas de algoritmos e programações ou o que mais coubesse naquela ideia de dados ou *fluxos de informação*. Nisso, vale lembrar que o texto de Escobar foi publicado em 1994 - o mesmo ano em que a internet começou a ser comercializada no Brasil (e por conseguinte deixa de ser reduzida aos fluxos informacionais de fins científicos e militares). Mas o processo de amplificação ou popularização da internet ainda levaria alguns anos, pelo menos até a virada do milênio e o lançamento da sua versão 2.0, quando então começava a ficar mais evidente que a internet não poderia ser reduzida a um *novo meio de comunicação*.

Para mostrar isso, eu destaco aqui o trabalho emblemático de Maria Elisa Máximo, que entre o ano 2000 e 2002 fez uma etnografia em listas de discussão (Máximo, 2002). As listas de discussão eram constituídas por intermédio de uma ferramenta que associava endereços de e-mail. Um coordenador permitia a inscrição e assim, a participação na lista. Aquela estudada pela autora, reunia, justamente, pesquisadores da cibercultura - daí o seu nome ser *Lista de Discussão Cibercultura* e o seu objetivo o de trocar informação ou dados sobre suas pesquisas. A questão é que, como mostrou ela, não havia apenas a circulação de informações, mas a negociação de regras de pertença naquele espaço - com as restrições negociadas pelo grupo sobre o que poderia ou não

¹³A “promessa” do GrupCiber frente às demandas metodológicas nesse campo sempre foi etnográfica, incluindo a observação participante, a permanência do pesquisador em campo, a análise de discursos, narrativas e performances, etc. Cada estratégia de pesquisa foi pensada a partir das configurações que o próprio campo demandava, já que o GrupCiber acompanhou a própria dinâmica de desenvolvimento das novas tecnologias digitais e sua inserção no Brasil. Assim, tivemos etnografias sobre ambientes de interação/jogos (Guimarães Jr. 2000), listas de discussão (Máximo 2002), *blogs* (Máximo 2006), e as ditas redes sociais, como o *Orkut* (Segata 2008a), o *Twitter* (Petry 2009) ou os *bots* (Lung, 2012) e, mais recentemente, alguns investimentos se deram no campo de políticas públicas para a internet e a sua relação com movimentos sociais (Petry 2013), com a arte digital (Malgarin Filho 2014), com as relações multiespécies (Segata 2012a, 2012b, 2012c, 2014a, 2014b, 2015a, 2015b) ou as controvérsias em torno do estatuto de vida no contexto da técnica da crônica (Cirico Garcia 2015), alargando a abrangência da cibercultura, nos aproximando de alguma maneira, do projeto original de Escobar (1994).



ser publicado, o que estava era *topic* ou *off-topic* - e isso não era regra programada pela ferramenta nem parte da “informação” trocada, mas um acordo em constante discussão entre os próprios membros da lista, o que formava uma espécie de *etiqueta*. Assim, situações de crise se instalavam quando as regras eram quebradas; alguns membros podiam ser excluídos ou advertidos, como também havia momentos de descontração quando as brincadeiras eram avalizadas pelo grupo. Em termos gerais, a autora mostrou etnograficamente que não haviam apenas dados ou fluxos de informação acadêmica sobre a cibercultura, havia um espaço de sociabilidade que requeria a constante manutenção de suas formas organizacionais e simbólicas, por meio da negociação do que ela chamou de *regras de fala* (Máximo, 2002). Isso foi um salto muito importante para a consolidação desse projeto de antropologia do ciberespaço, pois passou a reduzir radicalmente a distância entre aquilo que era tomado como a “vida real” e aquilo que era tomado como a “vida digital”. A primeira embebida do calor das paixões da vida social e a segunda mergulhada na frieza das programações computacionais.

Rememorar a internet hoje e o investimento etnográfico sobre ela, pode soar como anedótico e trivial, mas importa saber vivíamos em um período em que a ideia de virtual formava uma externalidade com razões próprias, no tom de uma “realidade menos real”. Junto dela, estavam as especulações em torno da artificialização da inteligência e as competências técnicas específicas para o uso de computadores, que davam o tom (e o temor) de algo maquínico e distante do humano passava a ganhar espaço entre nós. Pouco se estranhava a ideia de adjetivar ações ou coisas como sendo elas virtuais – como, por exemplo, realidade virtual, comunidades virtuais, namoros virtuais, etc. e desse modo, um antropólogo disposto a narrar um cenário composto por *interfaces, frames, avatares, bits, bytes, emoticons, nicknames, softwares, hardwares* ou *pixels* estava fadado à desconfiança de muitos dos seus pares de que o que fazia não era antropologia, sob a acusação de um esvaziamento humano da etnografia (que nessa lógica, significava o esvaziamento do próprio social, já que o tipo de questionamento de sua redução ao humano ainda não era um ponto crítico da disciplina, tal como passaria a ser depois da repercussão dos trabalhos de Bruno Latour e outros autores). Com isso, por exemplo, por mais de uma vez foi preciso responder às críticas de que não haveria confiabilidade nos dados de “cibernautas”, à custa de que estando eles numa realidade virtual, a relação etnográfica ali estabelecida não ultrapassaria a mera simulação ou simplesmente não seria “tão real”. O argumento amplamente acionado era o de que mediados por computador, as pessoas poderiam dissimular, inventarem-se da forma que o quisessem, e o antropólogo jamais saberia “da verdade”



desse outro, porque lhe faltariam recursos metodológicos, como a análise de uma performance corporal, o contraste entre o dito e algum gesto, que eram prejudicados pela distância física. A questão é que um dos efeitos que essa desconfiança provocou não foi exatamente o desenvolvimento de técnicas etnográficas especiais para o ciberespaço, mas o reverso: o exagero dessas limitações respaldou a necessidade de revisão de nossa confiança nas formas convencionais de etnografia, já que pareciam ancoradas em uma fé do antropólogo, de que o encontro etnográfico face a face estivesse sob o seu controle. Assim, se a etnografia foi fundamental para situar melhor questões em torno da separação entre o real e o virtual, o local e o global, o *on-line* e o *off-line*, a pessoa e o personagem, o tradicional e a novidade, o ciberespaço foi fundamental para repensar a própria etnografia.

Outro exemplo que trago em favor desse argumento está ligado a etnografia que eu fiz em comunidades do Orkut, entre 2005 e 2007 (Segata, 2008a). O orkut foi um site que funcionou entre 2004 e 2014 e que era apresentado como uma *comunidade virtual de amigos*. Tratou-se de um protótipo para o que hoje chamamos de redes sociais na internet, pois inovou ao reunir em uma única plataforma as discussões em grupos, típicas das listas, a troca de mensagens comuns aos e-mails e aos *chats*, a divulgação de textos e fotos como aquelas que já aconteciam nos *blogs* e nos *fotoblogs*. A questão é que no Brasil, por volta do ano 2000 em diante, a internet era tratada pela opinião pública como anúncio da novidade: ela era sinônimo da nova comunicação, dos novos amigos, dos novos amores ou dos novos lugares. Era corrente a ideia de que a internet conectava “você ao mundo”, desterritorializava, levava qualquer um para qualquer lugar sem sair de casa. Mas, a minha hipótese em relação ao Orkut era outra, eu passava a notar que havia nele dinâmicas que mobilizam a formação de grupos de antigos amigos, a partir da inscrição em comunidades que em razão de eventos ou lugares dos quais se havia separado, por tempo ou distância física. Apareciam aí a velha escola, o bairro ou a rua da infância, a banda preferida, etc. Ao invés de sair do local e ganhar o mundo, havia um investimento em “voltar” e o tipo de dinâmica de se inscrever nesses espaços e se adicionar a amigos, produzia um feixe de relação bastante circunscrito que punha em questão a ideia de rede global (Segata 2008a, 2008b, 2010b).

Eu era um nativo do Orkut antes de me tornar pesquisador dele, pois eu estava inscrito em uma comunidade chamada “Estudei no Regente Feijó” e em outra chamada “Lontras”. A primeira fazia menção à única escola da cidade que emprestava o nome para a segunda. Era a escola na qual eu havia estudado, na pequena cidade de Santa Catarina, no sul do Brasil, em que eu havia vivido até sair da casa de meus pais para ingressar na universidade. Foi em ambas



comunidades do Orkut eu conduzi minha etnografia. Nelas era permitido aos participantes a criação de tópicos de discussão que os envolvia em torno de alguma temática de interesse compartilhado. Como exemplo eu destaco um desses tópicos, criado na comunidade “Estudei no Regente Feijó”, no qual se perguntava o ano no qual os participantes haviam ingressado na escola e quem eram os seus professores naquela época. Isso produziu uma série de respostas onde alguém, por exemplo, relatava que tinha estudado em 1953 e que o seu professor de matemática era João, que morava na esquina do Bar da Dona Maria, numa casa antiga e verde. Na sequência alguém entrava e dizia que o tal professor não havia trabalhado na escola naquele ano, mas apenas no seguinte e que não morava na casa antiga e verde, mas em uma outra, na esquina, que depois virou um bar. E outros entravam e postavam mais e mais detalhes que produziram um registro impressionante em termos de memória coletiva da cidade de Lontras e de sua dinâmica de desenvolvimento, entre os anos de 1940 e aqueles dias atuais.

Por si só isso já era interessante, mas aquele foi um momento em que o Orkut passou a conhecer os chamados *fakes* - entendidos como “perfis falsos”¹⁴. Havia ali um participante que se chamava Penisvaldo (que no Brasil tem uma conotação pejorativa de masculinidade) e que concretizava aquela imagem do estrangeiro de Simmel (2004a): ninguém sabia quem ele era pois além do nome pouco usual, ele se apresentava usando fotos de perfil que eram, na verdade, de um ator indiano. Mas, nas suas postagens ele sempre fazia questão enfatizar que ele nos conhecia e de que acompanhava o cotidiano da maior parte de nós, os participantes da comunidade, com frases como, “o professor de matemática daquela época tal pessoa. Mas e você, você está bem, te vi saindo da farmácia hoje, um pouco abatido, vestindo um belo casaco azul” ou ainda “comprou chocolate no mercado e nem dividistes comigo, hein”. A externalidade produzida entre real e virtual ou on-line e off-line passava a ser borrada quando ele trazia para o Orkut as rotinas da cidade de Lontras e isso produzia importantes dramas que passavam a mobiliza-los, tanto no Orkut quanto na cidade, em torno de “desmascara-lo”. Eu acompanhei conflitos na rua e discussões on-line, baseadas em trocas de acusações sobre quem seria Penisvaldo. Eu mesmo fui envolvido nesse drama chegando a ser duramente abordado em uma farmácia da cidade de Lontras, com injúrias de que eu seria o *fake*. Passados alguns meses, ele se revelou e, toda a dinâmica da comunidade, concentrada em desvendar a identidade de Penisvaldo, foi dissolvida, feito o segredo, na forma como Simmel (2004b) o analisa. O ciberespaço mais uma vez exagerava

¹⁴Para contestar a ideia de perfil falso, ver Segata (2010a).

questões típicas da análise antropológica, como a noção de pessoa e formas de sociação, trazendo para a disciplina situações-limite que exigiam a revisão de suas ferramentas com a emergente cotidianização da internet e seus dispositivos.

Nesse ínterim, cabe ainda problematizar que o nosso investimento etnográfico se deu às custas de uma espécie de mimese das estratégias de pesquisa praticada em meios urbanos. Isso ajudou em termos operacionais e em ganho de confiança de nossos colegas antropólogos que “não viam gente no ciberespaço”¹⁵. Porém, isso nos conduziu a separar o sócio do técnico e, mais que isso, a tratar o primeiro como domínio dos humanos e de tudo o que dele se adjetivasse - como social, relação social, sociabilidade, etc, mantendo em segundo plano, o “técnico”, que respondia pelos hardwares, softwares e demais artefatos, que eram reduzidos então a uma espécie de novo cenário tecnológico com novas potências para a ação humana. Foi apenas a partir da aproximação com as críticas firmadas com a Teoria Ator-Rede que nossa etnografia passou a ser tratada em termos de rastreamento e descrição de associações entre humanos e não humanos, permitindo a extração de algumas consequências da ideia que fazíamos de pesquisar “redes sociotécnicas”.

Foi nesse momento, que o nosso diálogo com o campo da comunicação passou a se fragilizar por conta de desencontros em torno da ideia de rede. Na comunicação, ela ainda era pensada, nos termos da cibernética, como sistema fechado que era atualizado como sinônimo *World Wide Web*, constituindo-se como *objeto de pesquisa*. De nossa parte, passávamos a valorizar a ideia de rede no sentido latouriano de *ator-rede*, ou seja, como uma *estratégia metodológica* que permite reconsiderar a natureza da ação. Assim, seguindo essa proposta, passamos a clarificar a ideia de que o ator não é uma peça que já está no tabuleiro e que depois age. Ele não se refere exclusivamente aos humanos, pois a ação é pensada como um evento distribuído e não como uma rota que é medida em uma linha sucessiva, de causa e efeito. Em outros termos, não há de um lado “o ator humano” e de outro “o objeto não humano”, como não

¹⁵As inspirações do grupo, de início, vinham da Escola de Chicago e da Escola de Manchester; da *sociabilidade* de Simmel (2006); das *redes* de Barnes (2009); chegando ao *campo de possibilidades* de Velho (1999) ou aos *pedaços, manchas e trajetos* de Magnani (2008). O que fazíamos em termos de estratégia etnográfica era mimetizar na internet os desafios, dilemas e perspectivas que foram centrais nas pesquisas antropológicas em meios familiares e urbanos, em diálogo direto e aberto com as novas perspectivas que se abriam sobre *etnografia virtual* e *netnografia*, em autores como Luciano Paccagnella (1997), Christine Hine (2000, 2005), Steve Jones (1999), Daniel Miller & Don Slater (2000) ou Robert Kozinetz (2007; 2010). Mas, à medida em que nos púnhamos mais fortemente a sistematizar essa discussão metodológica, sobressaía-se a centralidade da ideia noção de *rede sociotécnica* em nossos trabalhos. E isso nos conduziria a um novo estágio de discussão, com forte inspiração nos *Science Studies*, notadamente, na formaem que Bruno Latour complexificou a discussão por meio da *Teoria Ator-Rede*.

há a “agência humana” de uma forma particular e a “agência não humana” de outra. *Agência e ator-rede* são modos de tratar de uma distribuição e indefinição da origem da ação, que não cabe nos termos analíticos da intencionalidade ou da causação. Assim, se antes precisávamos convencer a antropologia de que no ciberespaço “havia gente”, agora passávamos a desafiá-la a recuperar a capacidade de dar um passo a mais nas descrições, fazendo aparecer suas associações com *hardwares*, programas e outros artefatos, sem determinar quem ou o que é sujeito ou objeto (Segata 2009, 2013, 2015c, 2015d)¹⁶.

Finalmente, passadas duas décadas desde *Welcome to Cyberia*, não podemos negar que a cibercultura produziu efeitos na antropologia, ainda que eles sejam uma disputa em aberto e um desafio sempre anunciado. De um modo amplo, cabe frisar que, há alguns anos, formávamos um campo muito peculiar na antropologia, com um tema muito específico de pesquisa e à busca da formação de um campo especializado. Falar em cibercultura, era, por assim dizer, falar de uma outra dimensão da vida social, uma outra realidade. Tanto na nossa redução ao ciberespaço como na definição elástica de Escobar, o campo da cibercultura parecia bastante circunscrito, delimitado. Os seus nativos, particularmente os nossos, os “cibernautas” eram um tipo muito exótico, como também era exótica a antropologia que deles tratava. Mas, atualmente, quando os mais diversos campos e temas de pesquisa antropológica passam a ser atravessados pelo uso da internet e seus dispositivos, pela intervenção cada vez mais flagrante de novas tecnologias, o debate sobre a pesquisa antropológica em cibercultura se torna urgente e mais abrangente. Exemplo disso, é a presença de pesquisadores do campo da etnologia indígena, das relações de gênero, dos movimentos sociais e ativismos, da performance, da antropologia da arte, do consumo, da antropologia urbana, etc., nas atividades que temos organizados em diversos eventos ou mesmo nas demandas de orientações de novas pesquisas. Assim, eu finalizo reafirmando a atualidade das demandas para a antropologia no campo da cibercultura já anunciadas por Escobar há vinte anos, e que podem ser pensadas a partir da articulação de dois

¹⁶O ponto-chave foi o de reconsiderar a natureza da ação por meio da noção de ator-rede. Seguindo Latour (1999, 2008), passamos a clarificar a ideia de que o ator não é uma peça que já está no tabuleiro e que depois age. Ele não se refere exclusivamente aos humanos, mas a um ente que se constitui apenas na ação. A ação é pensada como um evento e não como um ato que distribui sujeitos e objetos e suas causações. O propósito da expressão *ator-rede* é justamente o de deslocar a origem dessa ação. Nesse caso, aquele convencimento anterior de que havia gente no ciberespaço passava a ser revisto, de modo a recuperar a nossa capacidade de dar um passo a mais nas descrições, atentando-se aos muitos atores que constituem os coletivos, convencendo a antropologia de que ali não há *apenas* gente e que a ação é distribuída. Assim, a cibercultura (e mais precisamente o ciberespaço) não é mais um *objeto* particular - uma especialidade antropológica, mas o *meio etnográfico privilegiado* pelo qual nos inserimos também em um debate mais amplo na disciplina - a especificar, o das relações humanos e não humanos e suas agências (Houdart e Thiery 2011; Latour 1999, 2008, 2009; Rifiotis *et al*, 2011, 2012).

eixos trabalho: (i) o de uma *agenda metodológica*, que pode ser resumida com a discussão de como pesquisar antropológicamente a cibercultura e, em desdobramento disso, como fazer das novas tecnologias digitais estratégias de pesquisa antropológica/etnográfica e finalmente; (ii) com a emergência de movimentos sociais que se articulam por intermédio da internet ou as práticas de digitalização de acervos etnográficos em museus virtuais exige pensar em uma *agenda prática, política ou aplicada*, para a disciplina, no campo da cibercultura. Enfim, é urgente o debate que visa pensar políticas etnográficas para a pesquisa antropológica *no e a partir do* campo da cibercultura. A constante necessidade de pensarmos o *lugar ocupa a cibercultura no escopo antropológico contemporâneo* é prova sempre renovada da pertinência de um debate iniciado há duas décadas, em *Welcome to Cyberia*.

Referências

- AMARAL, Adriana et al. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital*. Revista FAMECOS, PUC/RS, ano 13, n. 20, p. 34-40, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem*. 3.ed. PortoAlegre: Sulina, 2003.
- BARNES, John. “Redes sociais e processos políticos”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades complexas: métodos*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009, p. 159-195.
- CASTELLS, Manuel. *The information age: economy, society and culture. Volume 1: the rise of the Network Society*. Oxford: Blackwell, 1996.
- CIRICO GARCIA, Rafael Cesar. *Criônica, uma guerra fria: um mapeamento de controvérsias sociotécnicas*. Trabalho de Conclusão de Curso [Bacharelado em Antropologia]. Florianópolis: UFSC, 2015.
- ESCOBAR, Arturo. Welcome to Cyberia: notes on the anthropology of cyberspace. *Current Anthropology*, 35, 3, 1994.
- GUIMARÃES JR., Mario. J. L. Vivendo no Palace: etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço. *Dissertação de Mestrado. Antropologia Social*. Florianópolis, PPGAS-UFSC, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In Silva, T. T. (ed.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000, p. 36-129.
- HINE, Christine. *Virtual ethnography*. Londres, Sage Publications, 2000.
- _____. *Virtual methods: issues in social research on the internet*. Londres, Berg Publishers, 2005.
- HOUDART, Sophie; THIERY, Olivier. “Avant-Propos”. In: _____. (ed.). *Humains Non Humains: comment repeupler les sciences sociales*. Paris: La Découverte, 2011, p. 7-13.
- JONES, Steve. *Doing internet research: critical issues and methods for examining the net*. London: Sage, 1999.
- KOZINETS, Robert. “Netnography 2.0”. In: BELK, R. W. (ed.). *Handbook of qualitative research methods in marketing*. Londres, Edward Elgar Publishing, 2007, p. 68-96.



- _____. *Netnography: doing ethnographic research online*. Londres, Sage Publications, 2010.
- LATOUR, Bruno. “Factures/fractures: from de concept of network to the concept of attachment”. AUTUMN, 1999, p. 20-36.
- _____. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoria del actor-red*. Buenos Aires, Manantial, 2008.
- _____. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- LUNG, Alberto. *Seguindo as máquinas que nos seguem: considerações sobre as relações entre humanos e não-humanos no website Twitter*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Florianópolis: UFSC, 2012.
- MACLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MAGNANI, José Guilherme. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 12-52.
- MALGARIN FILHO, Marcello da Silva. “Mapeando controvérsias na arte digital interativa”. Natal/RN. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014.
- MÁXIMO, Maria Elisa. Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura. *Dissertação de Mestrado. Antropologia Social*. Florianópolis, PPGAS-UFSC, 2002.
- _____. Blogs - o eu encena, o eu em rede: cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sociotécnicas. *Tese de Doutorado. Antropologia Social*. Florianópolis, PPGAS-UFSC, 2006.
- MÁXIMO, Maria Elisa. et al. “A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço”. In: Maldonado, A. Efendy. et al.(eds.). *Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação*. Rio do Sul, UNIDAVI, 2012, p. 293-319.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The internet: the ethnographic approach*. London: Routledge, 2000.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.
- PACCAGNELA, Luciano. *Getting the seats of your pants dirty: strategies for ethnographic research on virtual communities*. JMCM, vol 3(1), junho de 1997.
- PETRY, Dalila Floriani. Seguindo minha participação no twitter: descrição da experiência e interações vivenciadas a partir do Twitter. *Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Ciências Sociais*. Florianópolis: UFSC, 2009.
- _____. Floresta de Redes: Pesquisa sobre o programa Floresta Digital. *Dissertação de Mestrado. Antropologia Social*. Florianópolis, PPGAS-UFSC, 2013.
- RIFIOTIS, Theophilos. “Antropologia do ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade”. In: RIFIOTIS, T; MÁXIMO, M. E.; LACERDA, J.; SEGATA, J. (orgs.). *Antropologia no ciberespaço*. Florianópolis: Editora UFSC, 2010, p. 15-28.
- _____. “Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica”. *Civitas*, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 566-578, 2012.
- _____. “Etnografia no ciberespaço como repovoamento e explicação”. Natal/RN. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014.
- RIFIOTIS, Theophilos et al. “Redes sociotécnicas: hibridismos e multiplicidade de agências na pesquisa Cibercultura”. In: MALDONADO, E.; BARRETO, V.; LACERDA, J. (orgs.). *Comunicação*,



educação e cidadania: saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina. João Pessoa/Natal: Editora UFPB/EDUFRN, 2011, p. 221-245.

RIFIOTIS, Theophilos et al. “A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica das pesquisas no ciberespaço”. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. (orgs.). *Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação*. Rio do Sul e Natal: Editora UNIDAVI e Editora da UFRN, 2012, p. 286-319.

SEGATA, Jean. *Lontras e a construção de laços no orkut: uma antropologia no ciberespaço*. Rio do Sul: Nova Era, 2008a.

_____. *Redes globais, laços locais: memórias da cidade de Lontras no Orkut*. Sociedade e Cultura, v.11, n.1, jan./jun., 2008b, p. 70-80.

_____. *Entre agentes: a ANT, a antropologia e o ciberespaço*. Rastros, v. 2, p. 78-92, 2009.

_____. Segata, Jean. *E, quem não é fake? sobre sujeitos no orkut*. Portas (São Paulo), v. 3, 2010a, p. 18-35.

_____. “Um local-global, um global-local: eu, a cidade de Lontras e o orkut. In: RIFIOTIS, Theophilos; MÁXIMO, Maria Elisa; LACERDA, Juciano; SEGATA, Jean (orgs.). *Antropologia no Ciberespaço*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010b, p. 127-146.

_____. “Tristes (psycho) tropiques: le monde des chiens dépressifs au sud du Brésil”, em KECK, Frédéric; VIALLES, Noëlie (ed.). *Des hommes malades des animaux*. Paris, L’Herne, 2012a, p. 153-160.

_____. Nós e os outros humanos, os animais de estimação. *Tese de Doutorado em Antropologia Social*. Florianópolis, UFSC, 2012b.

_____. Os cães com depressão e os seus humanos de estimação. *Anuário Antropológico 2011/2*, p. 177-204, 2012c.

_____. *A inventividade da rede*. Rastros, v. XVI(2), p. 139-149, 2013.

_____. *O que faz um animal de estimação na antropologia?*. Novos Debates, v. 2, p. 123-130, 2014a.

_____. “A agência de um projeto, o Paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na antropologia”. *Revista Antropológicas*, v. 24, p. 45-65, 2014b.

_____. *La cosmopolitisme de la dépression: biosocialité dans une ethnographie multi-espèce*. *Vibrant* 12(1), 2015a, p. 290-330.

_____. *Gatos fidalgos, cálculos renais e as humanidades de animais de estimação*. *Vivência*, vol.1, 2015b, p.85-104.

_____. *A etnografia como promessa e o “efeito-Latour” no campo da cibercultura*. *Ilha - Revista de Antropologia*, vol. 16(1), 2015c, p.69-95.

_____. *O ciberespaço, aetnografia e algumas caixas pretas*. *Revista Z Cultural*, vol.1, 2015d, p.5-12.

SEGATA, Jean et al. “Admirável mundo novo? acibercultura e os apocalípticos e apologéticos do ciberespaço”. *Revista Caminhos - Dossiê Tecnologias*, Rio do Sul, a. 2, n. 4, 2011, p. 17-26.

SIMMEL, Georg. “A sociabilidade (exemplo de sociologia pura ou formal)”. In: _____. *Questões Fundamentais de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006, p. 65-84.

_____. “O estrangeiro”. In: _____. *Fidelidade e gratidão e outros ensaios*. Lisboa: Relógio D’Água, 2004a, p. 133-142.

_____. “O segredo”. In: _____. *Fidelidade e gratidão e outros ensaios*. Lisboa: Relógio D’Água, 2004b, p. 143-154.

TURKLE, Sherry. *O segundo eu: os computadores e o espírito humano*. Lisboa: Presença, 1989.



VELHO, Gilberto. “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. In: _____. *Individualismo e sociedade: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 13-38.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.